

A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO SONRISE NA INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA COM CRIANÇAS AUTISTAS

CLEMENTE, Alida Mariele Santos¹

RU: 1538497

SANTOS, Valério Xavier dos²

RESUMO

A educação não pode se concentrar apenas nos aspectos cognitivos de seus alunos, pois estes são formados também de emoções e sentimentos que devem ser levados em conta no momento da aprendizagem. O método Son-Rise não é validado em alguns casos. Alguns estudiosos não atribuem valor científico nesse método. No entanto vem crescendo o número de famílias que buscam este tipo de terapia para auxiliar no desenvolvimento dos filhos autistas. A partir de leituras e estudos, foi possível observar como o método pode ser eficaz para a intervenção psicopedagógica de alunos com TEA e o quanto isso é importante e valioso para este público-alvo. Como objetivo principal buscou-se compreender como o método Son-Rise pode ser um aliado na prática docente para a aprendizagem dos alunos. A escola não é apenas um lugar de conceitos e conteúdo, mas sim da construção de sujeitos e o âmbito emocional está interligado com o cognitivo, as experiências já vivenciadas e os relacionamentos devem ser considerados para uma aprendizagem real. Este trabalho está baseado em estudos de autores que já publicaram trabalhos referentes a afetividade e suas relações pedagógicas e um histórico e como funciona o método Son-Rise.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino-aprendizagem. Autismo. Son-Rise.

1 INTRODUÇÃO

O método Son-Rise não é validado em alguns casos. Alguns estudiosos não atribuem valor científico nesse método. No entanto vem crescendo o número de famílias que buscam este tipo de terapia para auxiliar no desenvolvimento dos filhos autistas. A partir de leituras e estudos, observou-se que o método fala muito sobre a afetividade e o quanto isso é importante e valioso para as crianças autistas. A partir de então o interesse de saber como esse método poderia auxiliar os professores em sala de aula.

Alguns pesquisadores e educadores não atribuem valor real para as emoções e sentimentos na área educacional, no entanto alguns estudiosos

¹ Aluna do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso. 1º Semestre. 2020.

² Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

como Wallon e Piaget realizaram pesquisas que comprovaram o papel fundamental da afetividade no processo educativo. O presente trabalho justifica-se pelo fato de que muitos profissionais da educação não conseguem trilhar um caminho para “entrar” no mundo do estudante autista, e muitas vezes não conseguem estabelecer vínculo com eles. Como objetivo principal buscou-se compreender como o método Son-Rise pode ser um aliado na prática docente para a aprendizagem dos alunos, podendo destacar também os objetivos específicos sendo eles: Analisar o papel da pedagogia do afeto para a aprendizagem e adaptação da criança autista; Descrever o método SonRise e alguns estudos realizados na área e relacionar o método SonRise com a educação.

A escola não é apenas um lugar de conceitos e conteúdos, mas sim da construção de sujeitos e o âmbito emocional está interligado com o cognitivo, as experiências já vivenciadas e os relacionamentos devem ser considerados para uma aprendizagem real. A pesquisa está baseada em estudos de autores que já publicaram trabalhos referentes a afetividade e suas relações pedagógicas e um histórico e como funciona o método Son-Rise.

Para a realização do trabalho além de buscas de referências teóricas, o filme “Meu filho, meu mundo” também foi estudado, já que apresenta como o método Son-Rise foi criado e como esse método foi essencial para a recuperação de Raun Kaufman, para sua socialização e desenvolvimento verbal.

Alguns autores como Tolezani, Geesdorf, Costa e Mollica, fizeram um vasto estudo a respeito do Método Son-Rise e a importância da afetividade no desenvolvimento e ensino-aprendizagem da criança autista.

A pesquisa caracteriza-se por ter caráter qualitativo, como grande parte das pesquisas relacionadas com a educação. Será exclusivamente bibliográfica, uma vez que a pandemia de Covid-19 tem dificultado a realização de pesquisas de campo no âmbito educacional. Trará um levantamento sobre o que já foi publicado referente ao assunto bem como análises.

2 O MÉTODO SON-RISE NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM ESPECTRO AUTISTA

2.1 Conhecendo o método Son-Rise

O método Son-Rise foi descoberto/criado em 1970 pelo casal Barry e Samahria Kaufman os quais tinham um filho autista que não interagía com eles e após estudarem e conhecerem muitas instituições e métodos sentiam-se frustrados, pois nada se encaixava numa maneira eficaz no tratamento de seu filho, diagnosticado com autismo severo.

Eles não aceitaram os diagnósticos médicos que diziam que seu filho nunca iria se socializar e comunicar-se verbalmente, então iniciaram um programa que visava se aproximar de seu filho Raun, que não interagía nem mesmo com seus pais e tinha QI abaixo de 30. Sem muitos conhecimentos e do seu jeito eles iniciaram um trabalho incansável, de afetividade, e aproximação amorosa que durou cerca de três anos e meio. Durante a aplicação do método o casal percebeu avanços em seu filho e após o período ele só continuou a se desenvolver, recuperou-se do autismo e cursou uma universidade muito bem-conceituada. Com isso o casal criou um centro de atendimento em Massachusetts denominado The Autism Treatment Center of America, aplicando o método Son-Rise e tendo excelentes resultados na recuperação de pessoas com autismo e promovendo uma melhor interação social. O método tem recuperado milhares de crianças desde então.

Acreditar na mudança e trabalhar de uma forma carinhosa, incentivando e tendo positividade, é de suma importância para o desenvolvimento da técnica do método Son-Rise. Sua abordagem consiste em inspirar as crianças, adolescentes ou adultos a participar, de forma ativa e interativa, em ações dinâmicas, espontâneas e divertidas com os pais ou outros adultos e responsáveis. O programa apresenta que quando o indivíduo participa desse tipo de interação, tende a se abrir mais e a tornar-se mais acessível, motivado e receptivo para aprender novas informações e habilidades. (GEESDORF, 2017, p. 15-16)

É preciso tratar uma criança com amor e respeito, uma criança com autismo é preciso trabalhar com muito amor e muito respeito, e essas são premissas do método son-rise. A partir do momento que o casal Kaufman percebeu que nenhum método ou clínica tratava as crianças com transtornos do espectro autista como seres humanos dignos de respeito e afeto, não confiou seu filho a ninguém, e então criaram um método inovador capaz de transferir todo amor que sentiam, conseguindo assim “entrar no mundo autístico” de seu filho e tirá-lo de lá. Quando se sentem respeitadas e percebem que não há mal

nenhum em serem da forma que são, essas crianças passam a se sentir confiantes e participantes da família.

O método Son-Rise respeita aspectos das pessoas com autismo, como acontece na fase de autoregulação.

Quando a criança está isolada, desenvolvendo uma atividade solitária, caso o comportamento não promova nenhum risco para a sua integridade física, dos outros, ou da propriedade, permitimos que o comportamento ocorra para que a criança possa realizar a autorregulação e satisfazer suas necessidades sensoriais. Também buscamos fazer a ponte até o mundo da criança nos juntando ao comportamento dela, fazendo o mesmo que ela, atividade que demonstra para a criança nossa aceitação e disposição para estarmos com ela em seu mundo, e nos oferece informações valiosas sobre seus interesses, suas necessidades e preferências sensoriais. (SANTIAGO & TOLEZANI, 2011, p. 12)

Neste método é necessário que o mediador faça uma vasta pesquisa sobre essa criança ou adolescente, para compreender quais são suas habilidades e interesses, qual a maneira com a qual se comunica e interage com o meio social. A partir disso é possível fazer uma ponte entre o mundo convencional e o mundo em que o indivíduo vive e perceber que ele é um ser único e que tudo o que carrega consigo merece ser respeitado. “Quanto mais a criança se sentir aceita por esse adulto, mais ela confiará nele e as chances do sucesso do tratamento aumentarão.” (GEESDORF, 2017, p.16)

Quando a criança demonstra estar interessada em nós, por exemplo, olhando para nós ou para o que estamos fazendo, falando conosco ou se dirigindo fisicamente a nós, identificamos uma mudança no estado de disponibilidade para interação e buscamos investir em uma atividade interativa prazerosa para a criança. Neste momento, nós celebramos com entusiasmo a sua iniciativa social e oferecemos com empolgação alguma ação divertida baseada nas motivações e interesses da criança. (SANTIAGO & TOLEZANI, 2011, p. 12)

Por isso a importância de identificar previamente os interesses do indivíduo, assim o tratamento será facilitado e prazeroso. Se identificada que a área de interesse é a música, podemos nesse momento introduzir uma música agradável ou intervir oferecendo algum instrumento musical, por exemplo.

No início da interação, enquanto oferecemos a ação motivadora, procuramos não solicitar nada da criança, apenas celebrar as iniciativas sociais e focar na diversão, com o objetivo de deixá-la cada vez mais motivada pela interação conosco e pela ação que estamos oferecendo. Ao oferecermos a ação motivadora, é importante que busquemos ser mais interessantes que o objeto ou brinquedo que estamos utilizando, para que ela se interesse mais por nós do que pelo

Nesse caso, é mais importante que o mediador cante e dance enquanto a criança interage com o instrumento musical, e aos poucos inserir somente a dança e o canto sem o instrumento musical. Cada sinal de interação do indivíduo deve ser muito bem explorado e comemorado, esta interação deve ocorrer quando e como ele desejar e devemos estar sempre dispostos a interagir, não importa o momento e não importando também se a interação é verbal ou não.

Enquanto a criança participa da atividade ou da brincadeira, inserimos metas educacionais personalizadas que ajudam a criança a aprender brincando. Quanto mais motivada a criança estiver dentro da atividade, mais participações conseguiremos solicitar dela e, de uma forma divertida, incentivá-la a superar suas dificuldades e desenvolver suas habilidades. (TOLEZANI, 2010, s.p.)

No método Son-rise toda a aprendizagem acontece principalmente através da afetividade, no contexto de uma interação divertida, lúdica, amorosa e dinâmica. O papel da família é fundamental para o sucesso do programa, pois consiste em uma participação significativa dos pais.

O Programa Son-Rise propõe a implementação de um programa domiciliar dirigido pelos pais, os quais podem contar com o auxílio de um grupo multidisciplinar de profissionais e voluntários. As sessões individuais (um-para-um) do programa são realizadas na residência da criança ou adulto com autismo, em um quarto especialmente preparado com poucas distrações visuais e auditivas, contendo brinquedos e materiais motivadores para a criança ou adulto com autismo que sirvam como instrumento de facilitação para a interação e subsequente aprendizagem. Os pais aprendem a construir, no dia-a-dia, experiências interativas estimulantes que convidem a criança a desenvolver-se socialmente dentro de um currículo claramente definido. (TOLEZANI, 2010, s.p.)

No entanto esse método pode ser aplicado por professores também, já que tem se mostrado muito eficaz e trabalha com o lado afetivo da criança. O método Son-rise também contribui para que o professor perceba que trabalhar com o lúdico pode ser muito mais significativo do que continuar com as práticas que está acostumado durante todos seus anos de trabalho.

O professor precisa ter muito claro qual aprendizagem quer desenvolver com a criança com autismo, pois as abordagens são diferenciadas, pois eles tem dificuldades com vários enfoques ao mesmo tempo. Por isso é preciso avaliar o que este aluno já aprendeu, se já é capaz de estabelecer um contato visual, por exemplo. Como é sua coordenação motora e sua comunicação verbal.

Ao propor uma abordagem inter-relacional, de valorização do relacionamento com a pessoa com autismo, o Programa Son-Rise promove oportunidades para que pais, profissionais e crianças construam, juntos, novas formas de se comunicarem e de interagirem, em que atividades motivacionais e lúdicas fornecem a base para o aprendizado social, emocional e cognitivo, para a autonomia e para a inclusão social (TOLEZANI, 2010, s.p.)

O profissional que trabalha com uma criança com transtorno do espectro autista precisa ser persistente e paciente pois os resultados nem sempre são satisfatórios no primeiro momento. É necessário que construa uma relação de afeto e respeito para que esse aluno consiga interagir e interessar-se no que está sendo ensinado.

Quando a criança começa a olhar na direção do professor, olhar para o que o professor está fazendo, olhar nos olhos, falar ou estabelecer algum contato físico, está dando um sinal verde, está se mostrando interessada ao que têm-se para oferecer, então se deve aproveitar essa oportunidade e criar atividades interativas, interessantes e divertidas para essa criança (ou adulto). É o momento de inserir metas educacionais, que ajudará a criança a aprender brincando. No programa Son-Rise, a ênfase dá-se na diversão, pois quanto mais a criança se interessar e se sentir motivada, mais se poderá ajudá-la a superar suas dificuldades. (GEESDORF, 2017, p.16)

2.2 A contribuição da afetividade na aprendizagem escolar da criança com espectro autista

Antes da escola, a criança está acostumada com o afeto dos pais e familiares, sendo pouco o contato que tem com outras pessoas, por isso a entrada na escola pode acontecer de maneira traumática especialmente em crianças com transtorno do espectro autista, pois é um período que ficará afastada do lar e dos familiares com os quais estão acostumados e que lhes oferecem afeto. Nesse contexto o papel do professor é crucial, pois através do tratamento que oferecerá ao seu aluno poderá conquistá-lo e tornar o processo de ensino-aprendizagem muito mais fácil e satisfatório. “É importante que a criança sinta-se bem acolhida e entenda que a separação é um processo natural e que comece a criar dentro de si a noção de responsabilidade”(SARMENTO, 2010, p. 13).

A relação entre o afeto e cognição já foi muito comentada entre estudiosos, como exemplo Piaget e Wallon. A teoria deles aponta que o desenvolvimento intelectual faz relação com aspectos emocionais.

Segundo Piaget, é incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e, consequentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência. Consideram-se dois aspectos importantes no desenvolvimento intelectual: um afetivo e um cognitivo. (SARMENTO, 2010, p. 13)

Quando o ambiente é aconchegante e acolhedor tende a favorecer o aprendizado, ainda mais quando tem um bom relacionamento com os professores, pois muitas vezes falta essa relação de carinho e afeto em casa.

Sentindo atenção voltada para si, a aprendizagem se torna prazerosa e o local de estudo aconchegante, resultando num total interesse em se relacionar com o professor e o restante da classe, buscando completo acesso ao saber pedagógico com interesse esperado e apresentando satisfação em estar naquele ambiente. (XAVIER, 2014, p. 10)

Sabe-se que a figura do professor é uma referência para as crianças, sendo que sempre querem imitar, reproduzem a maneira de agir, de falar e até de se relacionar. Por isso é de extrema importância que os profissionais tenham abertura e queiram se relacionar bem com seus alunos, pois poderá fazer muita diferença no seu desempenho escolar.

Erroneamente acredita-se que a criança autista não gosta de carinho, como qualquer criança ela precisa e gosta de afeto, no entanto o professor precisa “conquistar” a confiança desse aluno, quando isso acontecer o próprio aluno demonstrará essa relação de afeto que passará a existir entre eles.

Ainda relacionando o papel do educador com a afetividade dos alunos, Paula & Faria salientam:

Para que haja esse processo educativo efetivo é necessário que algo mais permeie essa relação aluno-professor. É esse algo a mais que falta em diversas instituições de ensino. A afetividade, uma relação mais estreita entre o educando e o educador. (PAULA & FARIA, 2010, s.p)

Sendo o professor um exemplo para o aluno, é fundamental que ele mantenha um bom relacionamento com todos os educandos, tratando-os com amor e respeito, pois esses são os valores que seus alunos levarão adiante, e que muito se tem reclamado na atualidade, já que ouvimos muito falar que o mundo precisa de mais amor e respeito. A partir do momento em que esse aluno

“especial” perceber que o afeto, as relações de carinho e respeito são presentes entre todos, ele também se sentirá acolhido e pertencente ao grupo, contribuindo assim com sua socialização e aprendizagem.

A preparação da criança para a escola passa pelo desenvolvimento de competências emocionais – inteligência emocional – designadamente confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, capacidades de relacionamento, de comunicação e de cooperação. Sem o auxílio e o exemplo do professor pode se tornar uma tarefa árdua, pois a criança se espelha no exemplo e quem é o exemplo na escola se não o professor. (PAULA & FARIA, 2010, s.p).

O papel dos educadores é o de contagiar seus alunos, ter alegria em ensinar, pois isso se refletirá nos seus alunos. Sabemos que os sentimentos são contagiantes, mesmo os negativos, portanto se o professor chegar de mau-humor para ensinar, seus alunos não terão boa vontade de aprender. Se a criança não tem contato em casa com sentimentos bons de felicidade e amor, o melhor lugar para ela poderá ser a escola, se nela existir a transmissão desses sentimentos, ela terá prazer em aprender e relacionará os conteúdos somente com coisas positivas. “Só se aprende a amar, quando se é amado. Por isso a criança tem que se sentir amada, para descobrir o que é amor. Nós não damos aquilo que não temos.” (PAULA & FARIA, 2010, s.p). Essa também é uma das premissas do método Son-Rise, que a criança só se desenvolverá satisfatoriamente ao perceber o quanto é amada, acolhida e respeitada, mesmo com suas especificidades.

Os pais têm um papel fundamental para um bom rendimento escolar de seus filhos, pois se as crianças se sentem amadas são mais confiantes em buscar informações e descobrir o mundo que as cerca. Se a família busca saber o que as crianças fazem na escola, o que estão aprendendo, eles sentem-se motivados e tentam desenvolver cada vez mais para deixar todos os membros da família orgulhosos.

Podemos perceber que quando os pais se fazem presentes, mostrando interesse pelo filho, pela escola, pelo que ele está aprendendo, pelas coisas que está fazendo ou deixando de fazer e pelos seus progressos e necessidades, as crianças apresentam maior motivação para aprender, pois se sentem orgulhosas de seus feitos. (PAULA & FARIA, 2010, s.p)

A construção do conhecimento é favorecida pela aprendizagem, pois se

há um clima afetivo em sala de aula os conteúdos são mais bem processados. Os professores que se relacionam afetivamente com seus alunos motivam-nos e auxilia na sua autoestima fazendo com que o aluno busque novos conhecimentos para sempre sentir-se valorizado por seu educador.

(...) o professor deve ter empatia, sensibilidade para perceber qual é a atividade mais adequada àquele momento e à realidade do aluno. Além disso, o sucesso do encontro exige motivação das partes envolvidas, requer momento e local favoráveis e que o assunto a ser abordado seja condizente com pelo ritmo individual de cada aluno. (BRUST, 2009, p. 27).

O elogio é uma ferramenta motivacional de grande valia para os profissionais da educação, estreita os laços com seus alunos e faz com que eles sintam prazer em aprender. Quando um aluno com transtorno do espectro autista percebe que o que está fazendo está sendo reconhecido e valorizado, a tendência é que queira repetir comportamentos positivos, tornando a aprendizagem muito mais promissora.

A afetividade é realmente um aspecto importante no processo de aprendizagem das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, porque fundamenta a relação entre o professor e o aluno. Ela não deve ser pensada como o único meio de atingir a aprendizagem, mas deve ser considerada como um dos elementos influenciadores do processo de ensino e aprendizagem. (BRUST, 2009, p. 30).

O ensino lúdico é um grande aliado da afetividade, pois brincando ou aprendendo de maneira prazerosa a criança desenvolve laços de afeto e demonstra alegria em aprender. As crianças com transtornos globais do desenvolvimento tendem a precisar muito mais de ferramentas lúdicas e visuais para construir sua aprendizagem. “Brincar nos proporciona alegria, prazer e vontade de aprender. Fazendo uso do lúdico dentro da sala de aula, encontramos uma forma divertida de o aluno aprender.” (PAULA & FARIA, 2010, s.p)

É necessário perceber que o aluno não é um depósito de conteúdos e que seus aspectos cognitivos são separados de todas as suas emoções, e que esse aluno em especial, ainda se fecha em seu mundo por diversas vezes, sendo necessário um olhar mais afetivo e compreensivo. Precisamos trabalhar com o coração das crianças, descobrir seus anseios, seus agrados e desagradados, quais as situações que precisam suportar em casa, com o que esperam do futuro. Todas essas questões também precisam ser trabalhadas em sala de aula,

e para que uma criança adquira confiança em seu professor, é preciso que este lhe trate com amor, carinho e respeito.

A pouca atenção dada às aptidões do coração vem sendo apontada como uma das principais causas das relações frustradas e do descontentamento pessoal que atormentam o ser humano – ser social que necessita de afeto, carinho e compreensão. (ARAÚJO et al., 2005, p. 20).

Ainda sobre isso ressalta-se:

Na área educativa, assim como nas demais, torna-se, portanto, fundamentalmente aprender a "ler" as emoções das pessoas que estão inseridas em nosso meio, e para isso nada melhor do que nos colocarmos no lugar do outro, tentando entender o que a outra pessoa está sentindo, e assim, podermos compreender melhor suas atitudes. (ARAÚJO et al., 2005, p. 28)

A melhor maneira de atingir o aluno portador do transtorno do espectro autista é conquistando-o, fazer com que ele confie em seu professor para contar-lhe seus problemas e ter a compreensão do mesmo. Sendo a escola um lugar onde ele encontra afeto ele terá gosto em aprender e sentirá prazer em estudar.

Uma criança com autismo pode desenvolver vínculo em qualquer lugar e com pessoas diferentes sem muitos motivos aparentes, e a escola e os professores podem estar nesta lista. No entanto, ainda é na família que eles conseguem desenvolver maior sentimento de pertença e confiança.

Muitos são os locais onde uma criança com autismo pode estabelecer alguma forma de vínculo, porém é na escola que ela passa boa parte do seu dia, por este motivo, professores e colegas devem ser preparados para este convívio numa verdadeira prática inclusiva estabelecendo vínculos afetivos que permitam o desenvolvimento do aluno TEA. No entanto, é na família onde esses laços afetivos constituem um "porto seguro" protegendo-os desde os primeiros dias de vida, numa luta diária onde cada pequeno passo é comemorado como uma vitória; demonstração de entrega total, preservado para todas as etapas da sua vida. (MOLLICA, 2017, s.p.)

A partir de então, é possível salientar que pais e professores devem trabalhar em conjunto para o desenvolvimento dessa criança de maneira global, a escola deve ser aliada de todo o processo de aprendizagem, sendo que pais e professores deverão estar sempre em constante conversa.

Pais e professores, portanto, devem rever suas práticas educacionais no atendimento às crianças autistas e, empenhar-se em estabelecer laços afetivos a fim de estimular tais mentes a descobrirem suas capacidades. (MOLLICA, 2017, s.p.)

Muitas vezes essas crianças autistas sofrem de carência afetiva justamente devido a sociedade e família acreditarem erroneamente que eles não gostam de carinho e afeto ou então que não precisam. Isso é um tremendo equívoco! O que ocorre é que muitas vezes essas crianças não conseguem chegar até seus familiares, professores e amigos e demonstrarem o afeto.

Na atualidade, nos chama a atenção a carência afetiva vivida pelo ser humano, e o número crescente de crianças que apresentam atraso simultâneo no desenvolvimento de funções básicas, socialização e comunicação. O fracasso em desenvolver relacionamentos com seus pares, falta de reciprocidade social ou emocional, atraso ou ausência de linguagem falada, fracasso em iniciar ou manter uma conversa, uso estereotipado e repetitivo da linguagem, ausência de jogos variados de faz-de-conta, padrões repetitivos e estereotipados de comportamento, incluindo maneirismos e estereotipias motoras. Os transtornos invasivos do desenvolvimento tais como o autismo, síndrome de Asperger, transtorno desintegrativo da infância (síndrome de Heller), transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, que também é conhecido como autismo atípico, são diagnósticos frequentes de crianças na atualidade. (BELLAGUARDA, 2012, s.p.)

Através do contato diário e se um vínculo for estabelecido é possível observar qualquer diferença no comportamento da criança e a partir de então perceber quando há algo de errado.

Vimos que observar, acompanhar e estar em permanente contato afetivo com o filho ou o aluno é sempre o melhor caminho para que pais e professores possam identificar possíveis distúrbios no comportamento da criança. Ser sensível a pequenas mudanças, como o excesso ou ausência de fala, os medos que comprometem sua boa inserção nos grupos sociais, o aumento de comportamentos agressivos, timidez e insegurança aumentados que comprometem a socialização. É comum que estas alterações comportamentais estejam acompanhadas ou sejam antecipadas por mudanças mais sutis que acontecem nas áreas do sono, da alimentação, entre outros. É ainda importante escutar e responder afetivamente às dores que podem aparecer ao longo do desenvolvimento infantil, porém, sem reforçá-las, como dores de cabeça, dores de barriga, o aparecimento de tiques, tais como roer unhas, piscar de olhos, gestos repetitivos, dentre outros. (BELLAGUARDA, 2012, s.p.)

O olhar do profissional do magistério que recebe uma criança de inclusão deve estar repleto de amor e carinho em primeiro lugar. Esse aluno exige dedicação e perseverança, pois a figura do professor transmitirá uma esperança para seu futuro promissor.

(...) a escola deve preocupar-se em preparar um grupo de professores especializados que seja consciente de que as crianças, para que adquiram um desenvolvimento pleno de suas potencialidades, precisam manter relações com indivíduos que compreendam sua subjetividade e características de cada faixa etária. (COSTA, 2011,

Todas as crianças sentem a necessidade de serem aceitas, acolhidas, respeitadas. Esses sentimentos alavancam o desenvolvimento e aprendizagem, pois permite que o aluno se sinta integrante da sociedade. No entanto, não basta apenas deixar esse estudante sob responsabilidade apenas da escola, pois a família tem papel muito relevante no processo de aprendizagem, especialmente no que diz respeito a crianças autistas.

O papel do professor em sala de aula é essencial para resolver alguns problemas, entretanto, a escola também precisa oferecer suporte ao educador para que este atue de forma decisiva. O professor deve exercer sua prática com amor, pois, caso contrário, irá confirmar o que se tem atribuído ao ato educativo, a visão reduzida de mera transmissão de conteúdos. (COSTA, 2011, p. 21-22).

Com isso, é muito importante que o professor estimule este vínculo, a relação entre professor/aluno, oportunizando situações em que seja possível inserir o aluno autista na rotina diária de sala de aula, para que este sinta-se incluído e participante.

É por meio da interação professor-aluno que iniciam os primeiros laços de afetividade na escola. O docente deve dispor ao seu aluno um ambiente propício ao desenvolvimento dos sentimentos e emoções. Cabe a ele fazer com que os alunos, principalmente que chegam pelo processo inclusivo, estabeleçam uma relação integral consigo mesmos e com os indivíduos a sua volta. (COSTA, 2011, p. 22-23)

É necessário desmistificar essa visão de que o autista é um ser solitário e que gosta de viver somente em seu mundo. Alguns profissionais têm essa visão inclusive na escola, fazendo com que essa criança fique “de lado” e sinta-se totalmente alheio a tudo o que está acontecendo.

A escola necessita aprender a lidar com a realidade do educando. Nessa relação, quem primeiro aprende é o professor e quem primeiro ensina é o aluno. Afinal, o aprendente com autismo não é um ser solitário compondo uma música que só ele ouve. Ele faz parte de uma orquestra, cujo maestro é o seu desejo, pois é para este que ele sempre olha. E o professor? O professor é o músico que dá vida ao ritmo que sustenta a música até o final. (CUNHA, s.a., s.p.)

2.3 O papel do professor na pedagogia do afeto

O professor é o centro de todo o processo de ensino-aprendizagem através das relações de afeto, pois não é possível ter uma educação cheia de

significados se não construir uma relação de amizade e convivência com seus alunos. Muitas vezes os professores são cobrados devido aos conteúdos que devem ser repassados a seus alunos, focando apenas nos aspectos cognitivos de seus alunos, não tendo o tempo para perceber que o desenvolvimento cognitivo depende também de fatores emocionais.

Para isso é necessário que os profissionais da educação também estejam bem emocionalmente, sejam bem acolhidos em seu ambiente de trabalho e gostem de lecionar.

Só podemos compartilhar com alguém aquilo que possuímos nada pode pela felicidade de outrem, aquele que não sabe ser feliz ele próprio. Portanto, para não se violentar nem violentar o outro, o professor necessita que as emoções positivas — alegria, prazer e amor — superem as negativas — raiva, medo e tristeza. (ARAÚJO, et al, 2005, p. 31).

Vale ressaltar que o professor não é uma máquina que consegue dissociar seus sentimentos e emoções o tempo todo, sendo que esses poderão interferir em seu trabalho, no entanto se o professor não conseguir controlar seus sentimentos não terá êxito na compreensão de seus alunos.

(...) os maiores problemas no relacionamento humano são causados pela falta de controle emocional. Quando o professor não sabe lidar com seus próprios sentimentos, dificilmente conseguirá lidar com os sentimentos de seus alunos, principalmente diante de tantas atitudes que os aborrecem devido a um comportamento indesejado no momento da aula, como a indisciplina, o deboche, as conversas paralelas, o desinteresse pelo conteúdo que está sendo trabalhado. (ARAÚJO et al, 2005, p. 28)

É bem verdade que a Educação atual tem seus problemas e nem sempre é repleta de bons sentimentos, sendo que hora ou outra o professor poderá perder a paciência e vir à tona emoções negativas, mesmo porque esses sentimentos podem vir dos alunos e contagiar a turma toda, por isso é importante o controle das emoções, para que se tenha um jogo de cintura quando situações como indisciplina ocorrerem em sala de aula, já que é muito difícil zangar-se na medida certa e com a pessoa certa.

A partir de tal compreensão é possível perceber que as emoções dos educadores também devem ser trabalhadas na escola, com o cuidado dos demais funcionários para terem uma visão sensibilizada para perceber quando algo não está correndo bem com algum profissional.

Trabalhar no sentido de criar um ambiente agradável e livre de tensões na sala de aula. O aluno precisa aprender a ser feliz na escola, descobrir o prazer de aprender, e de fazer as suas atividades bem-feitas, aprender que é permitido errar é que o erro nos faz crescer. Não ter medo de descobrir, assumir e desenvolver a própria potencialidade. (BOMTEMPO, 1997, p. 9).

Então se deve propiciar aos professores um ambiente agradável, com momentos de descontração e diálogos, para que fale sobre seus problemas e incertezas, um ambiente compreensivo e acolhedor, assim como o oferecido aos alunos. Sabe-se também da dificuldade em oferecer todas as mudanças necessárias para uma escola acolhedora tanto para os professores quanto para seus alunos, visto que cargas-horárias devem ser respeitadas, bem como conteúdos e dias letivos, no entanto mudanças devem ser repensadas para uma melhora na educação brasileira, pois ao contrário do que se pensa, seria um ganho no setor educacional.

3 METODOLOGIA

Devido a pandemia de Covid-19, enfrentada pelo Brasil desde março de 2020 tornou-se inviável desenvolver pesquisas de campo, pois os ambientes educacionais estão trabalhando apenas remotamente, encaminhando atividades para que os alunos tenham seu direito de aprender garantido. Com isso a pesquisa assumiu caráter qualitativo e de cunho apenas bibliográfico.

A pesquisa qualitativa segundo Minayo (2001) é o tipo de pesquisa que trabalha com as crenças, com o universo dos significados, dos motivos, pretensões, valores e atitudes intrínsecas dos participantes., o que não pode ser quantificado em números. Silveira e Córdova (2009) ainda ressaltam que “Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.” (p.31)

Quanto ao procedimento adotado, julgou-se melhor a utilização da pesquisa bibliográfica, que segundo Silveira e Córdova (2009) é realizada a partir do levantamento de referências sobre o objeto de estudo a fim de aprofunda-se no que já foi publicado sobre o assunto para trazer um detalhamento sobre o tema. Apesar de praticamente todas as pesquisas serem de caráter bibliográfico

em algum momento, existem pesquisas que se tornam exclusivamente bibliográficas a fim de levantar material sobre o que já foi publicado.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda *per capita*; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não tem maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. (GIL, 2012, p. 4)

Com isso, a presente pesquisa partiu após a autora assistir ao filme “Meu filho, meu mundo” para melhor compreensão sobre a criação e aplicação do método Son-Rise. Em seguida buscou-se material a partir de publicações de artigos em revistas científicas, principalmente, uma vez que não existem muitos livros publicados acerca do método Son-Rise para posterior construção da pesquisa aqui apresentada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo representou uma tentativa de compreender como a afetividade interfere no desenvolvimento do ensino-aprendizagem de crianças autistas e quais as contribuições que as emoções positivas podem trazer ao educador que as utiliza como ferramentas para apurar o desenvolvimento cognitivo de seus alunos, já que é na escola que moldamos o caráter e a personalidade dos indivíduos, sendo assim para uma formação cidadã é preciso que trabalhe também os valores afetivos., especialmente de crianças tidas como especiais. O método Son-Rise é também um aliado no processo de desenvolvimento de crianças autistas, podendo ter sido desmistificado durante a pesquisa, sendo possível de ser aplicado também na escola, a partir do afeto que os profissionais poderão desenvolver um vínculo com esse aluno para que com isso consiga desenvolver estratégias

Não existe nenhum ser que se sinta bem sendo maltratado. Todo ser humano é movido por suas emoções, sejam elas positivas ou negativas, a escola deve transmitir somente sentimentos positivos e acolhedores, e no caso de

crianças autistas, pensa-se que não gostam de afeto, quando isso não é a realidade. Caso a escola seja um espaço segregador o aluno não terá prazer em aprender e os professores terão grandes dificuldades para transmitir os saberes necessários para a boa formação de um cidadão.

Os professores servem de espelho para as crianças, nada mais justo que esses profissionais se utilizem de bons exemplos inclusive emocionalmente, transmitindo afeto e respeito, para que os alunos também compreendam que essa é a melhor maneira de tratar as pessoas a seu redor.

Através da pesquisa realizada foi possível perceber que quando o aluno autista tem um relacionamento de afeto com seu professor, os conteúdos são assimilados com maior facilidade, pois as aulas são transmitidas com amor e dedicação, e quando o método Son-Rise é amplamente trabalhado em casa, pode tornar-se um grande aliado na escola, fazendo com que essa criança se sinta amada, acolhida e confiante.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Auricélia Lima de. OLIVEIRA, Lucivane Camelo de. CAMARGO, Rosana Maria de Lima. **AFETIVIDADE: Os benefícios da utilização da afetividade como instrumento facilitador da aprendizagem de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental.** Disponível em: repositorio.uniceub.br/bitstream/235/6577/1/40250997.pdf. Acesso em 01 fev 2021.

BELLAGUARDA, Maria Isabel. **A importância da afetividade para o desenvolvimento da criança na escola.** Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/cienciaesaude/2012/02/18/noticiasjornalcienciaesaude,2786524/a-importancia-da-afetividade-para-o-desenvolvimento-da-crianca-na-escola.shtml>. Acesso em 11 de fev de 2021.

BOMTEMPO, Luzia. **Escola do coração.** Um conjunto de atividades para desenvolver nos alunos a inteligência emocional. **Amae Educando.** Minas Gerais: Fundação Amae Educando, nº 268, jun., 1997.

BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.** Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf> Acesso em 01 fev 2021.

COSTA, Andreia Pires da. **A importância da afetividade no processo da inclusão escolar.** 2011. Disponível em:

http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2504/1/2011_AndreiaPiresdaCosta.pdf. Acesso em 11 de jan de 2021.

CUNHA, Eugênio. **O professor: afetividade e autismo**. Disponível em: <http://www.saberautismo.com.br/portal/blog/o-professor-afetividade-e-autismo>. Acesso em: 17 jan. 2021.

GEESDORF, Rosana Maria Nello da Cruz. **Métodos, programas e técnicas educacionais para atendimentos de estudantes com TGD**. Curitiba, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2012.

Meu filho, meu mundo. Dir. Glenn Jordan. EUA, 1979.

MESQUITA, Vânia dos Santos. CAMPOS, Camila Christine Pereira de. **O Método Son-Rise e ensino de crianças autistas**. Revista Lugares de Educação [RLE], Bananeiras/PB, v. 3, n. 7, p. 87-104. Edição Especial. Dez., 2013 ISSN 2237-1451 Disponível em [file:///C:/Users/Escola%20Alice/Downloads/16975-30861-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Escola%20Alice/Downloads/16975-30861-1-PB%20(3).pdf). Acesso em 12 jan 2021.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOLLICA, Fátima Borges da Fonseca. **A importância da afetividade para o desenvolvimento cognitivo da criança portadora do transtorno do espectro autista**. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-afetividade-para-o-desenvolvimento-cognitivo-da-crianca-portadora-do-transtorno-do-espectro-autista/150055>. Acesso em 11 de jan de 2021.

PAULA, Sandra Regina de. FARIA, Moacir Alves de. **Afetividade na Aprendizagem**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 1 – nº 1 – 2010.

SANTIAGO, Juliana Alves. TOLEZANI, Mariana. **Encorajando a criança a desenvolver habilidades sociais no programa Son-Rise**. Revista Autismo. 2011.

SARMENTO, Nara Regina Goulart. **Afetividade e aprendizagem**. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71877/000880292.pdf?sequence=1> Acesso em: 11 jan 2021.

SILVEIRA, D. T. ; CÓRDOVA, F. P. In: SILVEIRA, D. T. GERHARDT, T. E. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

TOLEZANI, Mariana. **Son-Rise: uma abordagem inovadora**. Disponível em: <http://www.aamparaautismo.org.br/wp-content/uploads/2014/05/Son-rise.pdf>. Acesso em: 16 de fev 2021.

XAVIER, Charlene Côrrea. **A influência da afetividade na aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.** Monografia de especialização. Medianeira, 2014.